

UM CONVITE A UMA LEITURA DE CORPO INTEIRO: COMPROMISSO, FÚRIA, DANÇA E EDUCAÇÃO NUMA TESE APAIXONADA

Bruna Ramos Tomaz¹


Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR)

 DOI: doi.org/10.33871/21750769.2026.22.1.10935

¹ Mestranda e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Membro do grupo de pesquisa Labelit Laboratório de Estudos em Educação, Linguagens e Teatralidades (UFPR/CNPq). Bacharela e Licenciada em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Atua como professora substituta do componente curricular Arte na Rede Estadual de Ensino Público do Paraná (SEED-PR), trabalhando com turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

 tomazbruna28@gmail.com

 lattes.cnpq.br/3015388294973112

 orcid.org/0000-0002-2319-0877

Um convite a uma leitura de corpo inteiro: compromisso, fúria, dança e educação numa tese apaixonada

Resumo: A tese *Formalismo Selvagem: artista-docente, dança e a solidariedade entre os discursos* (2022), de Mabile Borsatto, apresenta uma escrita intensa e apaixonada que rompe com as convenções acadêmicas ao propor uma escrita-dança. A autora discute a domesticação dos corpos e propõe um formalismo selvagem que une dança, educação e vida, questionando hierarquias e formatos tradicionais. A tese valoriza a experiência do corpo em movimento, a escuta sensível e a coletividade como formas de resistência e criação. Através de provocações e pistas, Borsatto convida à leitura engajada, afetiva e comprometida com os contextos e os desejos. A escrita incorpora vozes diversas e evidencia o risco como potência pedagógica, inspirando práticas educativas mais livres, críticas e encarnadas. A presente resenha, alinhando-se aos convites da autora, recusa uma leitura objetiva e distante, optando por um corpo que lê, pensa, dança e sente. Mais que uma leitura crítica, trata-se de uma experiência transformadora.

Palavra-chave: Educação; Corpo; Dança; Formalismo.

An invitation to a whole-body reading: commitment, fury, dance and education in a passionate thesis

Abstract: The doctoral thesis *Formalismo Selvagem: artista-docente, dança e a solidariedade entre os discursos* (2022), by Mabile Borsatto, presents an intense and passionate writing that breaks with academic conventions by proposing a dance-writing. The author discusses the domestication of bodies and proposes a wild formalism that unites dance, education, and life, questioning traditional hierarchies and formats. The thesis values the experience of the moving body, sensitive listening, and collectivity as forms of resistance and creation. Through provocations and clues, Borsatto invites an engaged, affective, and context-aware reading driven by desire. The writing incorporates diverse voices and reveals risk as a pedagogical force, inspiring freer, more critical, and embodied educational practices. This review, aligning with the author's invitations, refuses an objective and distant reading, opting instead for a body that reads, thinks, dances, and feels. More than a critical reading, it is a transformative experience.

Keywords: Education; Body; Dance; Formalism.

Una invitación a una lectura de cuerpo entero: compromiso, furia, danza y educación en una tesis apasionada

Resumen: La tesis *Formalismo Selvagem: artista-docente, dança e a solidariedade entre os discursos* (2022) de Mabile Borsatto, presenta una escritura intensa y apasionada que rompe con las convenciones académicas al proponer una escritura-danza. La autora discute la domesticación de los cuerpos y propone un formalismo salvaje que une danza, educación y vida, cuestionando jerarquías y formatos tradicionales. La tesis valora la experiencia del cuerpo en movimiento, la escucha sensible y la colectividad como formas de resistencia y creación. A través de provocaciones y pistas, Borsatto invita a una lectura comprometida, afectiva y vinculada a los contextos y deseos. La escritura incorpora voces diversas y evidencia el riesgo como potencia pedagógica, inspirando prácticas educativas más libres, críticas y encarnadas. La presente reseña, alineándose con las invitaciones de la autora, rechaza una lectura objetiva y distante, optando por un cuerpo que lee, piensa, baila y siente. Más que una lectura crítica, se trata de una experiencia transformadora.

Palabras clave: Educación; Cuerpo; Danza; Formalismo.

BORSATTO, Mabile. **Formalismo selvagem: artista-focente, dança, e solidariedade entre os discursos.** Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

Imagem 1 – Capa da Tese de Mabile Borsatto (2022)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEATRO

MABILE BORSATTO

3

FORMALISMO SELVAGEM: ARTISTA-DOCENTE, DANÇA E A
SOLIDARIEDADE ENTRE OS DISCURSOS

FLORIANÓPOLIS

2022

Fonte: divulgação da tese.

O que pode um corpo que ousa descompassar as domesticações, permite-se colocar em movimento e formalizar sua selvageria? A tese *Formalismo Selvagem: artista-docente, dança e a solidariedade entre os discursos*, defendida por Mabile Borsatto no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) no ano de 2022, chega-nos não apenas como um volume acadêmico, mas como um manifesto performativo. Borsatto, pesquisadora e artista-docente, investiga a domesticação dos corpos e propõe uma ruptura com a rigidez acadêmica tradicional, não pela negação da forma, mas pela sua reabilitação através de uma "escrita-dança". Para além das provocações, o trabalho traz convites que mobilizam uma leitura que se torna dança. Não é possível fazer esta leitura sem dançar, sem pensar-mover (sobre) sua posição no espaço, (sobre) seu corpo no mundo, sem assumir um compromisso de estar junto com tantas(os) outras(os).

O conceito central que intitula a obra, "Formalismo Selvagem", opera como um oxímoro proposital. A autora apropria-se da estrutura (o formalismo) não para se submeter a ela, mas para habitá-la com um corpo que vibra, sente e contesta (o selvagem). Como destaca a autora, trata-se de uma "solidariedade entre os discursos", onde a escrita não descreve a dança, mas dança junto com ela, reivindicando espaço para a subjetividade dentro da produção de conhecimento.

Nesta tese, Borsatto escolhe a não nomeação de capítulos, caminhos abertos e porosos que ela denomina "provocações". Essa escolha coloca as leitoras numa posição de intenso desconforto: não há linearidade e a segurança dos textos acadêmicos com os quais estamos acostumados – onde entramos por um "buraco" e saímos por outro – dá lugar a emboscadas, encruzilhadas, articulações, nós, curvas e espaços onde precisamos pausar e retomar a atenção ao corpo. Escolho fazer essa resenha junto (bem pertinho, como convida a autora) com esta abertura que a autora propõe, pois não me parece salutar colocar na escrita desta artista-docente tão selvagem, formatações e hierarquizações onde não há espaço para dançar.

Fragmentos de imagens, linhas tortas, desenhos e mudanças bruscas de formatação compõem o que a autora define como uma "tese-corpo". Se, por

um lado, essa estética parece caótica ou arriscada aos olhos do rigor metodológico clássico – beirando o que os puristas chamariam de "crime acadêmico" –, por outro, ela é coerente com o objeto de estudo. A forma reflete o conteúdo: a autora nos coloca defronte com nossas próprias necessidades de controle e domesticação.

Assim também, a presente resenha se (des)organiza, misturando o resumo do que foi lido-dançado com aquilo que foi refletido-corporificado. Permito-me passear entre conversas que se misturam: ora falo com quem me lê, ora danço com a autora da tese – ou até, quem sabe, comigo mesma. Espero que você, cara leitora, leia-dance tanto quanto eu dancei.

A tese parte da intenção de desestabilizar o *status* de ambientes institucionais que propõem a formatação dos modos de agir, pensar, falar, mover e ser em favor de uma domesticação dos corpos. Ao procurar horizontalizar e valorizar a união entre teoria e prática, Borsatto se coloca em movimento de desafio para com os formatos: dos espaços de ensino institucionais, das danças que supervalorizam a forma mais do que a experiência dos corpos, das(os) artistas-docentes e de uma educação (em dança) que não se abre para a negociação com o contexto, para o diálogo e a escuta atenta, para o acaso, as fendas, a porosidade e os desejos dos corpos.

A (des)estruturação da obra se dá em quatro principais provocações artístico-educacionais: artista-docente, formalismo, selvagem e a solidariedade entre os discursos. Borsatto declara que estas provocações não pretendem conduzir e formatar o entendimento, mas oferecer “pistas”. Pistas como “[...] um lugar de teste”, “[...] uma condição móvel, um território movediço”, ou “um manual radical de conduta, ou seja, algo que não precisa ser seguido” (Borsatto, 2022, p. 5). Requisitando uma presença selvagem, a autora convida-nos a escolher por quais buracos queremos entrar, onde (e se) queremos sair. É um convite a uma dança que tem contornos, mas não moldes. A cada provocação a numeração das páginas recomeça – é preciso sempre retornar (ou nunca sair) do corpo em movimento. Descompassando a domesticação dos corpos, a autora nos pede que sejamos fiéis aos nossos desejos, mas que nos

autorresponsabilizemos e tenhamos compromisso com as escolhas na/pela leitura-dança que faremos.

Neste trabalho, a autora substitui o conceito de “referências” por parcerias, afetos ou, como traz na tese “provocadorxs”, cujos nomes e obras não ficam subjugados somente às últimas páginas do trabalho, mas espalhados, amontoados, embrenhados, em roda ou dançando soltos e sem medo num texto que, para além de seu caráter acadêmico, traz um caráter extremamente vivido, pessoal, narrativo e relacional. A autora escreve com as pessoas que estão ao seu lado e, assim, muitas vozes e movimentos se fazem presentes, sendo a grande maioria mulheres — “Não foi (100%), mas foi quase” (p. 2). A autora aposta na transcrição de vozes, diálogos, cartas, bilhetes, discussões e (vídeo)chamadas. Seria essa uma tese-comunidade? O trabalho aborda uma ideia imprescindível: é necessário escrever-dançar em compromisso com o chão sobre o qual se (ins)/(es)creve.

6

Interessante notar que ao longo do texto, a autora sempre se (re)localiza enquanto artista, docente, pesquisadora, mulher, ser humano, mamífera. Traz para a escrita os lugares, os “chãos”, pelos quais passou/passa e as experiências que importam. Com estes constantes lembretes sobre seu lugar de fala e posição no mundo, a autora acaba permitindo também que nós, leitoras(es), nos (re)posicionemos para estabelecer diálogos, relações, provocações e perceber as diferenças entre nossos modos de ler-dançar e aqueles que a autora investiga.

Cada uma de suas provocações vem com um convite para dançar, onde se apresentam pontos de chegada, saída, intenções e desejos para a pesquisa, para as práticas de leitura-dança, para a educação. Entre relatos e narrativas da sua vida-dança e diálogo com autoras(es), amigas, estudantes, bichos e ambientes, a autora convida para diferentes movimentos: práticas que tiram a/o leitora da frente da tela, *links* que nos levam para músicas, vídeos, imagens de salas de aula diversas, desenhos, outras escritas e convoca, até mesmo, memórias de nossos próprios corpos.

Na provocação sobre o formalismo, a autora critica a supervalorização da forma final e do produto em detrimento da experiência do corpo. Ao propor um formalismo selvagem, ela não condena a técnica ou a repetição, a decodificação de passos e coreografias pode seguir presente, mas questiona a sua finalidade: para quais corpos? Com que tons? Para/com quais realidades estamos dançando? Essa reflexão é crucial para o campo da Pedagogia das/em Artes Cênicas. Contudo, cabe aqui um contraponto crítico necessário: como sustentar essa porosidade e essa "selvageria" dentro das estruturas rígidas do ensino formal brasileiro, marcado por currículos conteudistas, tempos fragmentados e espaços pouco convidativos ao movimento?

Ao ensinar-aprender uma(s) dança(s) compromissada com o chão que ocupa, Borsatto advoga em favor de um espaço onde haja equilíbrio justo entre as sistematizações e as relações vivas entre corpo e contexto. O convite é olhar para o que está dado nos espaços institucionais. Mas sabendo que há tijolos que não podemos remover de pronto da estrutura, a tese nos faz questionar: em quais destes pontos formalizados podemos causar pequenas fissuras com atitude consciente e solidariedade?

7

Chama a atenção na tese os modos como a autora (des)organiza os procedimentos de investigação e experimentação de práticas de movimento na relação com a teoria. A artista-docente faz um mergulho no corpo em movimento e nos convida a mergulhar junto, neste mergulho nos apresenta suas pistas sempre no atravessamento com sistemas corporais (muscular, esquelético, respiratório etc.). A tese apresenta ações que, como leitora-pesquisadora, considero tanto ações de pesquisa em caráter teórico (reconhecer, selecionar, insistir, resistir) quanto ações de experimentação e investigação para o/do/no corpo.

Fazendo convites e metáforas, a autora nos desperta para uma consciência crítica, com rigor, leveza e fúria, sobre nossas escolhas: Quem somos? Com que corpo vamos? Qual é nossa dança? Para que, por que(m) dançamos? Em algumas das páginas, termino sem ar nos pulmões, com os músculos contraídos, com a mandíbula apertada. A autora nos convida a retornar: respirar, alcançar outros espaços do corpo, soltar, me jogar, colocar

nossas músicas favoritas e dançar como se fosse a última dança. Não foi a última, não será, há ar – ainda bem.

Acredito ser arrojada a escolha da artista-docente sobre os formatos de seu trabalho, especialmente no que diz respeito à repetição (de títulos, de palavras, de perguntas, de procedimentos). Com as repetições que aparecem no texto, quem lê pode sentir-se perdida(o) e questionar-se: “será que já não passei por aqui? Já não li isso antes? Preciso voltar para onde eu estava?”. E é muito provável que, tendo passado por pelo menos duas provocações, quem lê já tenha sim se deparado com o que tem diante de si – mas de outra maneira, com outro tônus, com outra intenção. Nestas repetições, que só poderão ser percebidas com compromisso e atenção, a artista-docente nos coloca em uma sequência de movimentos, não com o intuito de deixar essa sequência perfeita, mas com a ideia de que a cada repetição possamos adicionar, mudar, criar, insistir e nos responsabilizar por outras/novas informações e pistas, por espaços-ideias-conceitos que façam o corpo vibrar, (des)equilibrar, des(com)passar, (des)aprender.

8

Penso que Borsatto é rigorosa a ponto de saber que cada indivíduo que a lê será capaz de fazer suas escolhas. Coloca em prática a crença numa produção diversa de sentidos por parte das leitoras e, assim sendo, lhes dá autonomia, mas também as coloca no jogo: estamos correndo o risco de entrar por onde não sabíamos, mas também tendo a possibilidade de aprender enquanto nos movimentamos.

Na provocação artista-docente, a autora nos traz pistas cheias de gente e bichos, acreditando em espaços possíveis de insistência na liberdade e no rigor de movimentar e experimentar o corpo. Aqui, nós leitoras(es) somos convidadas(es) a dar outros *swignificados* (porque significados estão em movimento nesta tese) para a escola e os processos de ensino-aprendizagem em dança. Para esta tarefa de *re-swingnificar* e des(com)passar as domesticações que permanecem em voga nos espaços de ensino-aprendizagem, a/o artista-docente tem um compromisso fundamental: “fornecer de modo crítico e sensível, o tempo livre para os corpos e as danças” (p.14).

Para Borsatto, a possibilidade de reinvenção da escola está na capacidade que artistas-docentes têm (ou podem desenvolver) de se deslocarem do lugar de detentores do conhecimento e integrarem a mudança e a instabilidade em suas práticas. Neste caso, a sala de aula se torna espaço de fluxo, de descoberta através do diálogo e das relações crítico-reflexivas, da abertura e da experimentação feita com rigor e responsabilidade. Questiono: como incluir tais exercícios de práticas metodológicas na formação inicial docente? Tendo em vista a crescente lógica de mercantilização da educação, será possível ensinar tais práticas não só nas licenciaturas em Artes (Dança, Música, Teatro, Artes Visuais etc.), mas em/para outras áreas de conhecimento?

É notável a paixão que exala dessa escrita-dança. Existe rigor e compromisso com a historicidade, com a união entre teoria e prática, com a não separação e subjugação do corpo pela mente. Borsatto convoca a lermos de corpo inteiro. A força do texto reside justamente nessa convocação à responsabilidade. A autora dialoga com bell hooks, lembrando-nos da necessidade de não entrarmos na sala de aula como "espíritos desencarnados". hooks (2017, p. 258), citada em diálogo com a obra, reforça que:

A busca de um conhecimento que nos permita unir teoria e prática é uma dessas paixões. Na medida em que professores contribuem com essa paixão, que tem de ser baseada fundamentalmente num amor pelas ideias que conseguimos inspirar, a sala de aula se torna um lugar dinâmico onde as transformações e relações sociais se atualizam concretamente e a falsa dicotomia entre o mundo exterior e o mundo interior da academia desaparece. Sob muitos aspectos, isso é assustador. Nada na minha formação de professora me preparou de verdade para ver meus alunos transformando a si mesmos.

Borsatto inspira através de suas corajosas e arriscadas escolhas de mostrar que seus processos também estão suscetíveis ao erro e que ela nem sempre consegue se preparar para o que surge deles. A artista-docente-pesquisadora inspira. Expira. Nos faz seguir enchendo o pulmão de ar e os músculos de tônus, para seguirmos numa leitura engajada. A paixão está presente nessa escrita-dança, mas também a fúria, o desespero e a dor. Fica nítido a verdade e a impossibilidade de separação entre arte, educação e vida.

E como leitora-aprendiz da autora, encontro algum tipo de esperança nessa realidade vulnerável e possível exposta em formato de tese.

Na provocação nomeada como selvagem, a tese exhibe uma pista sobre como podemos nos confrontar, gingar, caminhar para além de uma visão advinda do controle moderno que limita as complexidades do corpo. É preciso praticar um corpo selvagem, ligado aos seus instintos e desejos, que sobrevive porque é destemido, experimenta, (re)inventa e sabe-se capaz de adaptação. Adaptação não como subjugação, mas como capacidade de burlar convenções e normas, capaz de autorregulação. Este corpo selvagem, em processos de ensino-aprendizagem (em dança), traz a incerteza e a mobilidade como potências criativas e encontra nas parcerias e na relação com o ambiente, a possibilidade de se movimentar de outros/novos modos. Modos não-dogmáticos, não instrumentalistas; modos fluídos, intensos, radicais no sentido de se comprometerem com suas fisicalidades na relação com o mundo.

Então, Borsatto provoca a dançarmos (por) uma solidariedade entre os discursos, trazendo ainda mais o peso das pelves em movimento, especialmente das mulheres que estão na vida artístico-educacional da autora. Nesta provocação, encontramos importantes apontamentos sobre a necessidade de falarmos-escutarmos a partir de nossas posições no mundo. Em uma conversa com autoras(es) como Djamila Ribeiro, Marcia Tiburi, bell hooks e Paulo Freire, a escrita expõe o desejo e a necessidade de estarmos abertos para o dissenso, o desconforto, o incômodo, a fúria, mas também para o amor, o prazer e os afetos que chegam. Nos processos de ensino-aprendizagem, esta pista aponta para uma emancipação possível dos corpos, onde a escuta sensível, os diálogos e as instabilidades possibilitam a proximidade a uma educação democrática que possa se organizar, sistematizar, fazer combinados comuns, mas não anular as singularidades e desejos dos corpos que compartilham um espaço-tempo, possibilitando que cada um(a) (re)construa sua própria atitude de movimento.

Volto a questionar, a partir da realidade vivida por mim como professora, especialmente no contexto da educação básica da rede estadual de ensino do Paraná: como trazer solidariedade entre os discursos em meio a um momento de alta plataformização do ensino, onde as relações ficam cada vez mais

minadas pelo individualismo? Ler a tese de Borsatto dá esperança, mas a rapidez com a qual a realidade das escolas se alterou entre 2022 (ano que o trabalho foi escrito) e 2025, com a lógica do capital avançado cada vez mais sobre nossos processos educacionais, assusta e faz pensar, novamente, em como tais estratégias elaboradas pela autora, podem ter correspondência em nossa realidade no chão da escola.

A tese, embora inspiradora, por vezes pode flertar com uma utopia pedagógica. Na prática cotidiana da escola pública, essa "dança do real" encontra barreiras institucionais que a tese toca poeticamente, mas que exigem do leitor um exercício árduo de transposição. A "fissura" que Borsatto propõe nos muros da instituição, da formalização, é uma estratégia de sobrevivência vital. Mas como manter essas estratégias ativas contra a burocratização dos processos de criação-ensino-aprendizagem? Em nossas realidades escolares, como formar corpos docentes que consigam agir taticamente ao invés de sucumbirem às demandas de produtividade? Sabendo que tudo é corpo, as questões que ficam são: em quais (micro)políticas nos responsabilizamos em acreditar e acionar em nossos cotidianos? Com o corpo que chega hoje na sala de aula, no palco, na rua, na tela: como dançar?

Mesmo com tom esperançoso, a autora da tese mantém os pés bem firmes no chão, os dedos abertos, algumas vezes enterrados sob areia fina. Mesmo com a cabeça enrolada em fitas amarelas que insistem em dizer para onde não devemos ir com os nossos corpos, a partir da leitura-dança de/com Borsatto, nós já fomos, já estamos dançando há muito tempo, nunca paramos. E após essa leitura, pareço ter vontade de dançar e estar viva nessa dança. Dança-vida-dança.

REFERÊNCIAS

BORSATTO, Mabile. **Formalismo selvagem**: artista-focente, dança, e solidariedade entre os discursos. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Recebido: 01/07/2025

Aceito: 06/02/2026